

A NARRATIVA DAS GALERIAS DE FOTOS NA REPRESENTAÇÃO DA CRISE DO GOVERNO PARAGUAIO

Luciana Pelaes Rossetto¹

Resumo

Galerias de fotos são modelos de narrativas cada vez mais usados por sites de notícia para complementar os textos sobre acontecimentos importantes. Mesmo vinculadas às notícias, essas narrativas também transmitem informação de forma autônoma para o leitor. A partir dos conceitos propostos por Boris Kossoy, Josep M. Catalá, Vilém Flusser, Norval Baitello Junior, entre outros, o presente trabalho investiga como essa ferramenta foi usada, por veículos brasileiros, no dia do impeachment de Fernando Lugo do governo paraguaio. O interesse é refletir sobre o uso das imagens como representação de parte da realidade e as consequências dessas narrativas para o receptor.

Palavras-chave: Galeria de fotos. Imagens complexas. Imagens técnicas. Narrativas. Paraguai.

Introdução

As galerias de fotos são usadas por portais de internet para agrupar imagens mais relevantes das notícias de maior destaque do dia. Esses conjuntos de fotografias são modelos de narrativas que estão vinculados às notícias, mas não necessitam do texto das reportagens para serem compreendidos. Mesmo tendo a função inicial de complementar o texto principal através de imagens, transmitem informação de maneira autônoma ao leitor.

Por ser um recurso usado na cobertura jornalística dos fatos importantes, as galerias de fotos foram amplamente utilizadas durante o impeachment de Fernando Lugo do governo do Paraguai, em 22 de junho de 2012. O estopim para o afastamento de Lugo, que assumiu a presidência em 2008, foi um confronto entre camponeses paraguaios e policiais em uma fazenda ocupada na cidade de Curuguaty, que acabou com um saldo de 17 mortos no dia 15 de junho. Em 21 de junho, o pedido de impeachment foi aceito na Câmara e, no dia seguinte, o Senado afastou Lugo do governo.

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: lurossetto@gmail.com.

Todo o processo teve ampla cobertura da mídia e foi transmitido pela televisão, rádio e internet, onde os textos eram ilustrados com galerias de fotos e vídeos sobre o drama vivido por Lugo e sobre as justificativas de seus opositores para o impeachment.

Com base nos questionamentos propostos por Boris Kossoy, Josep M. Catalá, Vilém Flusser e Norval Baitello Junior, entre outros, tentamos estudar como são as narrativas das galerias de fotos sobre a queda de Lugo publicadas nos sites dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e da revista *Veja*.

Imagens como mediação do mundo

A comunicação através dos meios digitais modificou a maneira como as pessoas buscam a informação e reagem a ela. A facilidade do acesso à informação e a procura constante por atualização dão um caráter imediatista a tudo que é publicado on-line. O importante é abastecer o público com conteúdo, independentemente da qualidade ou relevância do texto e, principalmente, das imagens.

Esse tipo de comunicação integra o que Baitello Junior (2005, p.82) define como mídia terciária. Ele usa uma classificação de Harry Pross para explicar que desse tipo de mídia fazem parte os meios de comunicação que precisam da mediação de aparelhos tanto no lado do emissor quanto do receptor. Segundo Baitello Junior (2005, p.84), “a mídia terciária provocou uma aceleração do tempo e das sincronizações sociais”, causando alterações no comportamento do receptor.

Livre da limitação espacial, o meio on-line precisa criar pautas para alimentar o consumo dos leitores. Tal fenômeno é citado por Baitello Junior (2005, p.14) quando constata que a “era da reprodutibilidade técnica”, sinalizada por Walter Benjamin, “abriu as portas para uma escalada das imagens visuais que começam a competir pelo espaço e pela atenção (vale dizer pelo tempo de vida) das pessoas.”

Segundo Flusser (2007, p.167), a produção e a interpretação de imagens têm efeitos diretos na comunicação e no modo como as pessoas se relacionam entre si e com o mundo. Como ressalta o autor (2007, p.142), o homem usa as imagens como forma de mediação com seu mundo. Seriam ferramentas para superar a alienação humana, permitindo a ação dentro de um universo no qual o homem não vive de forma imediata, mas o enfrenta. Flusser (207, p.167) afirma que “não é possível se orientar no mundo

sem que se faça antes uma imagem dele (a imaginação é imprescindível para nossas ações e a compreensão do mundo).”

Atualmente, a fotografia e o vídeo são os aparatos técnicos mais comuns para a produção dessas mensagens, chamadas imagens técnicas. Ainda segundo Flusser (2008, p.13), há dois caminhos para o futuro das imagens técnicas. Em um deles, os funcionários das imagens e os receptores fazem parte de uma sociedade totalitária que é programada a partir de um único centro emissor, recorrendo numa repetição interminável. Já o outro indica uma sociedade formada pelos criadores e colecionadores das imagens, que se comunicam dialogicamente através da transmissão dos dados.

As imagens tradicionais são superfícies abstraídas de volumes, enquanto as imagens técnicas são superfícies construídas com pontos. De maneira que, ao recorrermos a tais imagens, não estamos retornando da unidimensionalidade para a bidimensionalidade, mas nos precipitando da unidimensionalidade para o abismo da zerodimensionalidade (FLUSSER, 2008, p.15)

Conforme Menezes (2008, p.114), Flusser descreve essa escalada da abstração através da “comunicação tridimensional (com o corpo), a comunicação bidimensional (com as imagens), a comunicação unidimensional (com o traço e a linha da escrita) e a comunicação nulodimensional (com os números e os e os algoritmos das imagens técnicas).”

A escalada da abstração está presente quando as pessoas desistem de acompanhar o processo de impeachment no Senado, o que seria a comunicação tridimensional, para assistir aos julgamentos em vídeo pela internet enquanto fazem comentários on-line sobre o assunto, o que seria a comunicação nulodimensional. Os manifestantes a favor e contra Lugo abandonaram a praça para receber a informação já mediada por um meio de comunicação.

Na cobertura do impeachment de Fernando Lugo, as imagens se tornaram as portadoras da informação para quem não estava presente e, através dos meios de comunicação digitais, essas mensagens foram mediadas aos receptores. As imagens de todo o processo de destituição do ex-presidente formam uma narrativa que possui determinada interpretação dos fatos, não são um reflexo direto do que realmente aconteceu.

Boris Kossoy (2009, p.22), que faz uma importante reflexão sobre as fotografias enquanto documentos de representações da realidade, explica que as imagens não são “espelhos fieis” dos fatos e, como qualquer fonte de informação histórica, possuem ambiguidades, múltiplos significados e omissões.

A fotografia tem uma *realidade própria* que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação: uma *segunda realidade*, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado. (KOSSOY, 2009, p.22)

As imagens já eram meios decisivos de comunicação antes da invenção da escrita. De acordo com Flusser (2007, p.130), o homem pré-moderno vivia em outro universo imagético, onde usava as imagens para tentar interpretar o mundo. Em contrapartida, nós já vivemos em um mundo imagético que interpreta as teorias relacionadas ao “mundo”. Mas para evitar erros de interpretação, é necessário aprender a decifrar as imagens e as convenções que lhes dão significados.

Como Flusser (2007, p.113) exemplifica, existe a “experiência imediata”, que seria o real, o “reino das imagens”, que seria a fotografia, e o “reino dos conceitos”, que seria o conjunto formado pelas explicações teóricas a respeito do fato. A fotografia e os conceitos seriam parte de um “mundo da ficção”, apenas o primeiro reino está relacionado verdadeiramente aos fatos. Porém, a ficção quase sempre finge representar os fatos, substituindo-os e apontando para eles conforme lhe convém.

Quando a comunicação nulodimensional tornou-se mais relevante que as outras na disseminação das informações sobre o processo de impeachment, transformando números e imagens técnicas em protagonistas do processo, o verdadeiro sentido da troca de informações acabou perdido. As galerias de fotos são transformadas em “janelas sintéticas”, no termo de Baitello Junior (2012, p.52), trazendo uma simplificação da verdadeira experiência.

Podemos caracterizar a tela do nosso computador ou smartphone e até o recorte das fotos na galeria como essas “janelas sintéticas”. Segundo Baitello Junior (2012, p.53), elas recriam o mundo, de maneira traduzida e recortada, aprisionam o nosso olhar e nos fazem perceber apenas o que está dentro de suas molduras. O desafio seria ver o que está escondido fora desses retângulos.

Kossoy (2009, p. 30) ressalta que a fotografia é uma representação da realidade, mas diz que muitas vezes o observador a toma como um documento real, uma fonte histórica, por se tratar do registro de um fato concreto.

Por definição, as imagens visuais sempre propiciam diferentes leituras para os diferentes receptores que as apreciam ou que dela se utilizam enquanto objetos de estudo. Por tal razão, elas se prestam a adaptações e interpretações “convenientes” por parte desses mesmos receptores, sejam os que desconhecem o momento histórico retratado na imagem, sejam aqueles engajados a determinados modelos ideológicos, que buscam desvendar significados e “adequá-los” conforme seus valores individuais, seus comprometimentos, suas posturas aprioristicamente estabelecidas em relação a certos temas ou realidades, em função de suas *imagens mentais*. (KOSSOY, 2009, p.45)

O mesmo processo é constatado por Catalá (2005, p.18), quando afirma que os observadores consideram as imagens como espelhos que reproduzem a realidade. A imagem em si, portanto, se torna pouco visível justamente porque existe essa ideia de que elas refletem o mundo, proporcionam um contato direto com realidade. O leitor esquece a existência de uma edição na escolha das fotos.

En resumidas cuentas, el problema no es la existencia de una mirada, sino la pretensión de su ausencia. En la imagen la mirada es un componente más que vehicula una subjetividad a través de un organismo compuesto por distintos elementos, algunos de ellos objetivos y otros subjetivos. (CATALÁ, 2005, p.32)

Catalá ressalta que o problema não é o “olhar”, mas justamente a falta de consciência por parte do observador de que ele existe. O autor exemplifica citando as artes plásticas e explicando que ao vermos uma pintura, por exemplo, não vemos a imagem que ela compõe, mas uma visibilidade representada.

Para Catalá (2005, p.64), qualquer imagem sempre conterà um remanescente ideológico incontrolado que se sobressai independentemente de qualquer vontade do autor e que é reflexo de seu tempo, mas quanto mais complexa a imagem menos relevante é esse resíduo, porque a obra trabalha essas contradições na superfície. As imagens podem ser consideradas em sua complexidade quando há consciência, por parte do observador, da ideologia que produzem e são autorreferenciais.

En la medida en que cualquier propiedad de la imagen abandona el régimen de la transparencia, del naturalismo, de la mimesis, para trabajar en la superficie, para mostrarse en lugar de esconderse, es

decir, para convertirse verdaderamente en fenómeno visual la imagen en cuestión será más compleja. Pero la autoreferencialidad implica no sólo la asunción de los mecanismos representativos como instrumentos significativos más allá de su funcionalidad, sino el conocimiento de las características, los potenciales y los límites de la imagen en cuanto a dispositivo específico. (Catalá, 2005, p.64)

Catalá (2005, p.66) afirma que o fenômeno de uma imagem complexa é fruto de um olhar complexo e uma reflexão complexa. O olhar complexo seria consequência de uma interpretação aplicada sobre a imagem e sobre o real, enquanto a reflexão seria uma reação do observador considerando as características da sociedade em que ele vive.

A realidade dos fatos, o olhar consciente do observador e a representação da cena formam uma “ecologia”, que para Catalá (2005, p.66) produz fenômenos complexos. Esse conjunto acontece com um mecanismo de “entre-capturas”, que é capaz de expressar a realidade contemporânea em toda sua profundidade.

Janelas que substituem os fatos

Para retratar o dia do impeachment de Lugo, a galeria produzida pelo site da revista *Veja* trouxe o maior número de fotos: 35. Além das legendas de cada imagem, ela é apresentada juntamente com o texto de uma reportagem contendo a notícia do afastamento do presidente, detalhes das acusações feitas contra Lugo e sua defesa, a explicação do processo e uma pequena biografia do político. A galeria tem como título próprio “Trajetória política de Fernando Lugo”, e o título da reportagem é: “Fernando Lugo é cassado e deixa Presidência do Paraguai”.



Figura 1: galeria do site de *Veja*

A galeria de fotos de *Veja*, que tinha a pretensão de contar toda a trajetória política do presidente como afirma o título, não consegue cumprir sua missão. Normalmente, são atribuídos títulos genéricos a essas narrativas, mas a proposta não concretizada de contar por meio de fotos toda a história de Fernando Lugo deixou evidente a falta de cuidado na edição.

Além de contar com poucas imagens para um feito dessa grandeza, a sequência de imagens não está em ordem cronológica e as fotos não estão datadas. Mesmo com o título fazendo referência à trajetória política de Lugo, o sucessor Federico Franco é que inicia a narrativa, sem nenhuma referência ao ex-presidente na legenda. Somente o leitor mais informado sobre os acontecimentos sabe que a foto é do mesmo dia do impeachment, pois Franco assumiu o poder na mesma noite da destituição de Lugo. Mas não podemos supor que o leitor tenha conhecimento dessa informação.

A galeria ainda reúne fotos de Lugo com outros chefes de estado, inclusive ao lado do vice que assumiu em seu lugar, e do julgamento no Senado sem uma construção narrativa. Pela falta de informação na legenda, algumas imagens de protestos e do próprio político em reuniões também deixam dúvida se foram feitas no dia 22 de junho ou se são mais antigas. O principal problema é a omissão dessa informação, que confunde o leitor.

Já a galeria do site do jornal *O Globo*, que tem como título “Em foco: as imagens do dia em que Lugo sofreu impeachment”, possui 10 fotografias. Todas estão acompanhadas de legenda sobre os acontecimentos. Ela também é apresentada como complemento da reportagem “Senado paraguaio aprova impeachment de Fernando Lugo”, do dia 22 de junho, que traz o relato do processo que destituiu Lugo, um resumo do discurso de despedida do ex-presidente, e detalhes sobre a posse no mesmo dia de Federico Franco e a formação de seu ministério. A galeria não possui registro da data em que foi produzida, mas por acompanhar uma reportagem do dia do impeachment, partimos do princípio de que foi organizada na data em questão.

A galeria de *O Globo* possui uma única foto de Lugo, que, conforme a legenda, foi tirada no dia anterior ao impeachment. Entre as imagens feitas no dia 22 de junho estão fotografias de manifestantes e policiais, além da defesa e da acusação, ambas

tiradas no Senado. Não há imagens de Lugo durante a votação dos senadores ou do discurso de despedida do governo. Ou seja, mesmo trazendo no título que seriam agrupadas ali as imagens do dia 22 de junho, há importantes cenas que foram deixadas de fora de forma deliberada ou por falta de um olhar atento do editor.



Figura 2: galeria do site de *O Globo*

As fotos também não foram ordenadas conforme a cronologia dos acontecimentos, então a mensagem que se pretendia passar não é conduzida de forma organizada. A narrativa possui uma imensa lacuna, pois as fotos selecionadas são semelhantes e repetitivas. Apesar de conterem legendas, os textos são superficiais e contêm frases generalizadas.

A galeria organizada pelo site da *Folha de S. Paulo* no dia do impeachment recebeu o título de “Crise no Paraguai” e tem 13 fotos com legendas. Acompanha a reportagem “Senado do Paraguai aprova impeachment do presidente Lugo”, com informações sobre a votação, os protestos do povo em frente ao Senado e um pequeno histórico do governo do ex-presidente.

Três dias após a destituição de Lugo, em 25 de junho, o site do jornal publicou uma nova galeria com 13 fotos, intitulada “Impeachment de Fernando Lugo”. Essa segunda galeria apareceu em algumas notícias datadas do dia 22, chamada juntamente com a primeira, e também nas reportagens de repercussão do fato. Porém, por não ter

vido publicada no mesmo dia dos acontecimentos, essa segunda galeria não será analisada no presente trabalho.

A galeria de fotos do jornal traz imagens de Lugo feitas em dias anteriores ao evento, mas algumas legendas não especificam as datas. Algumas fotografias mostram a população em vigília, outras são de manifestantes fazendo protestos e trazem a informação na legenda de que foram feitas em datas anteriores ao fato. Essa falta de padrão da informação aumenta a incerteza sobre a correta ordem cronológica dos acontecimentos.



Figura 3: galeria do site do jornal *Folha de São Paulo*

O título genérico “Crise no Paraguai” também faz supor que o jornal vai selecionar imagens que mostrem todo o panorama dos fatos que culminaram com a destituição de Lugo. A edição, no entanto, não seleciona imagens que transmitem essa mensagem. Além de um número pequeno de fotografias, muitas mostram Lugo discursando e até sorrindo sem especificar o contexto na legenda.

As narrativas dos três veículos são superficiais, limitam-se a mostrar a movimentação dos policiais, da população e do senado, sem enumerar as razões para os fatos e, muito menos, explicar ainda que de forma breve o processo de impeachment.

Essas narrativas também não são questionadoras ou provocativas a ponto de impulsionar o leitor a refletir sobre o assunto ou mesmo buscar outras fontes para complementar a informação.

Entre as fotos selecionadas para compor as galerias é perceptível a falta de variedade das imagens para formar uma visão mais abrangente dos acontecimentos. Por exemplo, nenhuma galeria mostrou os manifestantes que estavam contra Lugo, apenas a população que era a favor do ex-presidente. E, conforme os próprios jornais, havia uma parcela da população que apoiava o impeachment e também foi às ruas.

Catalá (2005, p.48) explica que, atualmente, o fenômeno da cópia de imagens não é aquele do qual falava Walter Benjamin. O que se prolifera hoje não são cópias idênticas, mas versões diferentes da mesma proposta, e é exatamente o que pode ser observado ao comparar as três galerias feitas pelos veículos analisados. Quando há versões da mesma imagem histórica, por mais isoladas que estejam umas das outras, elas estabelecem uma rede. E cada versão depende das outras para chegar a um significado que pode nunca se completar, pois sempre existirão novas versões e novas interpretações para serem feitas.

Nas palavras de Flusser (2007, p.41), o homem hoje está munido de aparelhos onde quer que vá e está conectado a todos. E todos podem se apropriar das coisas existentes, transformá-las e utilizá-las. Um leitor pode ter a ilusão de que as imagens que recebeu do veículo escolhido por ele para fazer sua mediação com o impeachment no Paraguai conseguiu de fato traduzir os reais acontecimentos através das imagens disponibilizadas on-line. Mesmo que elas sejam apenas uma representação interpretada a respeito do problema político, essas imagens podem se tornar, para o leitor, a realidade.

O vasto material encontrado disponível na internet sobre o impeachment também traz à tona o imperativo das imagens que nos cercam. De acordo com Baitello Junior (2005, p.28), algumas decisões das pessoas passam a ser pré-definidas, sendo oferecidas pela mídia. Existe uma disseminação de valores e critérios através dessas imagens, que nos impedem de criar vínculos reais e, conseqüentemente, formular uma opinião independente dos fatos que nos cercam.

Diante desse panorama, percebemos ainda a figura do “eco”, tão comentada por Baitello Junior (2005, p.52). A reprodução das imagens realizadas pelos meios de

comunicação obedece a uma lógica de repetição. Não há profundidade em nenhuma delas, que se tornam aparentemente iguais. Ao observar as narrativas das galerias dos três veículos na sequência, nota-se que todas tiveram como base as mesmas imagens.

Sabemos que a “leitura de imagens” é mais rápida do que a de um texto, porque, conforme Flusser (2007, p.107), o tempo necessário para que suas mensagens sejam recebidas é mais denso. O receptor de hoje não perde mais tempo decodificando um texto para saber o que aconteceu. Através da imagem, como na leitura de uma pintura, ele apreende a mensagem e depois a decompõe.

Quanto melhores as imagens, mais elas acabam substituindo os fatos que deveriam representar. Em vez de dar significados ao mundo, as imagens podem encobri-lo ou substituí-lo. Para o leitor, o impeachment do país vizinho movimentou parte da sociedade e acabou. Não foram questionados os acontecimentos que culminaram no processo e nem sua consequência.

Em consequência, os fatos deixam de ser necessários, as imagens passam a se sustentar por si mesmas e então perdem o seu sentido original. As imagens não precisam mais se adequar à experiência imediata do mundo, e essa experiência é abandonada. Em outras palavras: o mundo da ficção linear, o mundo da elite, está mostrando cada vez mais seu caráter fictício, meramente conceitual; e o mundo da ficção-em-superfície, o mundo das massas, está mascarando cada vez melhor seu caráter fictício. (FLUSSER, 2007, p.116)

Considerações finais

O uso dos meios eletrônicos na comunicação é uma realidade na sociedade atual. Por funcionarem como novos espaços públicos, as mídias eletrônicas cada vez mais assumem o papel de mediar a informação.

A fotografia tem o poder de conduzir o espectador até o local do acontecimento. No entanto, é preciso ter em mente que ela é apenas uma representação da realidade que nunca mostra a totalidade dos fatos. Como qualquer narrativa, também está sujeita a fatores subjetivos, como o interesse ideológico do veículo e até o posicionamento físico do fotógrafo, que captura determinado ângulo ou perspectiva com seus equipamentos.

As imagens nem sempre reproduzem a realidade simples, não são “transparentes”. É preciso manter um olhar atento para captar essa complexidade. Qualquer imagem pode ser complexa, mas a complexidade não existe sozinha: é

resultado de um olhar complexo e uma reflexão do observador, que precisa interpretar o que vê em relação ao real e também perceber os reflexos da sociedade em que vive. Todas as imagens estão relacionadas com outras, até porque o observador também estabelece essas relações, portanto existe uma "ecologia das imagens". Além de formarem uma rede de relações, também sempre conterão um conteúdo ideológico que acaba se sobressaindo independentemente da vontade do autor. E o interessante é justamente o autor das mensagens, consciente dessa influência, trabalhar a questão na superfície.

Ao montar galerias de fotos, os veículos de comunicação no meio digital possuem a oportunidade de construir narrativas através dessas imagens. Mas os três veículos estudados apresentaram falhas ao contar o impeachment de Lugo através do uso das galerias.

Para informar melhor, deveriam ter sido explorados os textos das legendas, colocando a data e até o contexto em que a fotografia foi tirada. O que foi visto, ao contrário, foram informações genéricas produzidas talvez por jornalistas desinformados sobre a crise política paraguaia.

Ao optar por cenas repetitivas, sem explorar a possibilidade de aprofundamento do assunto com o texto nas legendas, as narrativas mascaram a real dimensão do impeachment de Lugo para a história do país e da própria América Latina.

Referências

As imagens do dia em que Lugo sofreu impeachment. **O Globo**, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/as-imagens-do-dia-em-que-lugo-sofreu-impeachment-5292575>>. Acesso em: 12 jul. 2013

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura**. São Paulo:Hacker Editores, 2005.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado – Sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo:Ed. Unisinos, 2012.

CATALÁ, Josep M. **La imagen compleja**. Bellatera: Universitat Autònoma de Barcelona. Servei de Publicacions, 2005.

CATALÁ, Josep M. **A forma do real: introdução aos estudos visuais**. São Paulo: Summus, 2011.

Revista Eletrônica CoMtempo



Crise no Paraguai. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 jun. 2012. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/8233-crise-no-paraguai>>. Acesso em: 12 jul. 2013.

Fernando Lugo é cassado e deixa presidência do Paraguai. **Veja**, São Paulo, 22 jun. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/fernando-lugo-e-cassado-e-deixa-presidencia-do-paraguai>> . Acesso em: 12 jul. 2013

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado. Por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo: Annablume, 2008.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira. **Cultura do Ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade**. Revista *Líbero*, edição 21:111-118. Acessado em 12 jul. 2013, disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/5403/4920>>